

O Cidadão Kane na UnB e no Galpãozinho

O Cineclub Aruanda promove, hoje, quatro sessões de **Cidadão Kane**, de Orson Welles. As duas primeiras serão realizadas no Anfiteatro Nove, da UnB, às 10 e 12:30 horas.

A noite, no Teatro Galpãozinho, serão realizadas mais duas sessões, às 20 e 22 horas.

Se **Cidadão Kane** é ou não o maior filme de todos os tempos, depende do gosto, de cada um. Os críticos de cinema de um modo geral acham que sim, tanto que o colocaram duas vezes (em 1962 e 1972) em primeiro lugar na lista dos dez mais. Uma coisa é certa, na história do cinema nenhum filme foi mais discutido. E não houve outro que exercesse papel mais importante na evolução da linguagem cinematográfica.

"Todos nós cineastas, devemos tudo a esse filme e ao seu autor, disse Jena - Luc Godard em 1963". De fato, jamais o cinema ganhou tanto com um filme só. Por isso os historiadores mais radicais não fazem por menos, dividem o cinema em antes e depois de **Cidadão Kane**. Não há nenhum exagero nisso. Praticamente a influência de Kane expandiu - se por todos os grandes filmes, pertencentes a todas as escolas e nacionalidades, aparecidos nos últimos 35 anos. Suas invenções técnicas e dramaturgia revolucionária foram exaustivamente absorvidas por autores e filmes de múltiplas tendências e se, pode até perguntar se o moderno cinema seria mesmo o que é sem a presença de **Kane**.

A estréia de **Kane** ocorreu simultaneamente em Nova Iorque e Los Angeles, a nove de abril de 1941. Não houve impacto no lançamento: o filme teve pálida carreira comercial, à falta de publicidade. Tudo porque uma colunista da cadeia Herst de jornais, assistiu a **Kane** numa prévia e achou que Welles tinha feito uma biografia disfarçada e nada lisonjeira de seu patrão, o magnata da imprensa William Randolph Hearst. Com isto Hearst vetou qualquer propaganda do filme em seus jornais.

Welles definiu o filme como "o retrato da vida privada de um homem público". Na primeira cena a câmara invade os portões do castelo de Xanadua, focalizando uma tableta onde se lê: No Trespas



Orson Welles dirigiu e estrelou **Cidadão Kane**

sing, signo de um mistério indevassável: a real personalidade de um homem. O repórter Thompson tentará decifrar para o seu jornal a vida de Charles Foster Kane (Welles) e o significado da palavra (Rosebud) que proferiu na hora de morrer, aos 77 anos, este poderoso magnata da imprensa. O filme conclui sem que o repórter tenha desvendado o sentido de Rosebud. em-

borra, na última cena o segredo seja desfeito, para a platéia: a câmara, num longo travelling, percorre os salões de Xanadua, onde estão sendo queimados os objetos imprestáveis, e vai até o trenó que **Kane** conservava de sua infância.

Este trenó, visto num dos "flash-backes" da intrincada narrativa, simboliza a nostalgia da infância, dominante em toda a carreira do

personagem e já sugerida, quando o filme começa, na bola de vidro, empunhada por Kane, que contém a miniatura da casa dos seus pais. A perda da infância, é um dos temas subjacentes dessa eloquente ofensiva contra o sonho americano. "Sou um antimaterialista", disse Welles. "Não gosto de dinheiro ou poder, nem do mal que eles fazem às pessoas". Tudo o que a sociedade americana considera relevante - o sucesso, a riqueza, o poder - é tornado estéril, vazio - sem sentido na feroz crítica de Welles, empenhado em revelar tanto a América, como ela é turbulenta, efervescente, - quanto a América como aparenta ser (brutal e exibicionista, descomedida e cínica). Embora **Kane** não tipifique o self-made-man, Welles faz dele um colosso de orgulho com quem secretamente simpatiza.

Quem é afinal Charles Foster Kane? Welles prefere classificá-lo de um indivíduo ao mesmo tempo egoísta e desinteressante, um idealista e um escroque, um grande homem e um medíocre, um sujeito que abusa do poder da imorrensa popular e volta - se contra a lei, contra toda a tradição da civilização liberal, uma pessoa humanamente aceitável, mas moralmente detestável.

Welles deixou na tela as relações naturais de indiferença existentes entre realidades contíguas. Assim em **Cidadão Kane** "da mesma maneira como as investigações do repórter tentam revelar o sentido da vida de Kane, o espectador também é convidado a participar do mistério, exercendo seu próprio poder subjetivo."

Por essas e outras, os críticos são capazes de ver dez vezes **Cidadão Kane** sem repetir uma única vez a observação do mesmo detalhe. O filme é um tesouro de inesgotável vibração inventiva e criadora, como se Orson Welles tivesse desejado arrancar de cada instante todos efeitos possíveis, compelindo a tensão dramática de uma cena muito além de seu ponto de saturação.

Talvez por ter deixado todo mundo surpreso **Cidadão Kane** custou a ser reconhecido. Na distribuição dos Oskares pela Academia de Hollywood em 1941, levou apenas um discreto prêmio de melhor roteiro original.